

conversações

michael wesely

sobre arquitetura e fotografia

entrevista: Renata Marquez e Natacha Rena
transcrição e tradução: Renata Marquez

publicado na revista AR. ISSN 1806-7700. Coronel Fabriciano, UnilesteMG, v.1, 2004, p.03-05.

Conversamos com o fotógrafo alemão Michael Wesely no evento de abertura da 25ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Com o tema Iconografias Metropolitanas, a Bienal apresentou nos trabalhos de Wesely - que registraram a reconstrução da Potsdamer Platz, em Berlim - um dos comportamentos possíveis da imagem fotográfica contemporânea frente às dinâmicas urbanas.

ar: As imagens que você apresenta na Bienal tratam de certa maneira da arquitetura, dos eventos urbanos, da inevitável transformação das cidades... quais são os conceitos por trás dessa aproximação arquitetura e fotografia?

MW: Sempre há, claro, uma relação muito grande. Fotografia e arquitetura estão mais próximas do que todo mundo pensa. Os fotógrafos reduzem três dimensões a duas dimensões. Os arquitetos fazem o caminho inverso: vão das duas dimensões às três dimensões. Então há algo, um ponto, onde eles...

ar: é uma questão de espaço...

MW: Sim, está relacionado ao espaço. E ao tempo, claro. E à luz. Elementos básicos: luz, tempo, espaço. Você entende melhor o meu trabalho quando pensa em escultura, não em fotografia. O trabalho exposto aqui é um questionamento acerca da caixa, da câmara. Em italiano *camara* é a mesma palavra para quarto. Trabalho com as bases da fotografia, as bases da base. Nesse sentido trata-se de uma combinação de instrumentos fotográficos muito antigos e básicos, direcionados para novos resultados através de conceitos e *insights*, usando o sistema fotográfico e expandindo a linguagem da sua mídia. Pensando cuidadosamente a caixa, o tempo na fotografia, formas de como usar o tempo... sabe: o tempo sempre é o aspecto de maior ou menor quantidade de luz. Quando está mais claro, você pode diminuir o tempo de exposição. Claro que tem a ver com a tradição de captar os momentos fugidios. As pessoas são sempre famintas por esses momentos, pois os momentos têm alguns problemas.

Não posso ficar olhando para o seu rosto por mais tempo do que frações de segundo. Não posso olhar para os seus seios ou as suas pernas, para nada, por mais do que um período de tempo curtíssimo... Se fico te olhando muito você diz “dane-se, vá embora!”. Esse é o aspecto mais importante sobre o tempo na fotografia. Fugir do momento real e encarar uma imagem é considerado saudável.

É como a prostituição, também de certa forma saudável para a sociedade ou do contrário mais mulheres poderiam ser violentadas... Então as prostitutas preenchem certas necessidades da sociedade. A fotografia também preenche necessidades da sociedade. Nesse caso, é a necessidade do que está acontecendo no mundo: assassinatos, guerras e tudo o mais. A fotografia preenche uma série de necessidades, mas basicamente é muito heurística. É a máquina mais agressivamente heurística que você pode imaginar.

Sei muita coisa sobre fotografia. Venho estudando

há oito, dez anos, quinze anos e pensando que

as minhas pesquisas de resgate das bases da fotografia me dariam idéias de imagens novas. Os resultados dos meus experimentos me mostrariam

caminhos para alcançar outros aspectos do meio que ainda não tinham sido

explorados.

www.wesely.org

ar.1

4

Tudo começou com o problema de eu não ser um bom fotógrafo de retratos. Eu não conseguia fotografar retratos... foi chato ter que fazê-lo na escola... Resolvi então aprender a respeito de exposições longas e pude afastar-me da decisão do momento, pois quando tiro uma foto em frações de segundo, tem-se que decidir: essa imagem tem mais a ver com você? Ou aquela? Não sei... Talvez outra... Envolvendo-me com exposições longas pensei “o que são cinco minutos em milhões para você? De você? Então capturo um resumo de você que conta uma outra história a seu respeito, sua personagem, sua imagem comum ou algo talvez não tão comum... Você não é capaz de ficar cinco minutos fazendo assim [mexe com a cabeça]... Aponto a câmera e você [muda de posição]... desligo a câmera e você [muda de novo de posição]... é uma espécie de jogo...

ar: Mas a cidade é capaz de te encarar por mais tempo...

MW: Esse foi o próximo passo. Liguei o tempo de exposição com as ações que aconteciam em frente à câmera. Tirava fotos de estações de trem e pensava “qual o tempo ideal para uma estação de trem? Um segundo, dez segundos, uma hora, duas horas?” Tive então a idéia de testar o tempo de exposição com o tempo da viagem de trem.

Comecei aí a expandir a linguagem da mídia fotográfica. Em princípio eu não sabia o que aconteceria, estava apenas curioso, mas depois de alguns anos me dei conta de que essa era mais ou menos a sensação das pessoas ao ver as imagens: “o que ele está fazendo?” Elas viam uma estação de trem mas não era exatamente uma estação de trem, era a imagem de uma jornada... Uma outra imagem e o seu conteúdo... A imagem era a moldura para a ação... Primeiro tive que descobrir as ferramentas técnicas para exposições longas, pois há problemas técnicos. O filme se move, então tive que usar negativos de vidro... fiz vários testes... A câmera tinha que ser muito flexível, um lugar mais escultural do que propriamente fotográfico...

Volto ao aspecto heurístico de que falei da fotografia: as imagens da construção da Potsdamer Platz em Berlim, expostas aqui na Bienal, não mostram tudo: não mostram o operário trabalhando, subindo de elevador... pois acho que todo mundo já sabe como as obras de construção civil são. Como outros fotógrafos e suas equipes já preenchem esse tipo de necessidade, sinto-me livre para falar sobre essas mesmas construções de uma outra maneira. Você pode ver que essas imagens têm qualidades de outro tipo. Falam por exemplo que um carro esteve ali ou aqui, algumas coisas aparecem duas vezes, o trem de repente se moveu, etc... Muitas dessas coisas visitam as suas fantasias e fazem você pensar “eu vi isso e...” As imagens têm um nível extra que não é realmente visível. Há coisas naquele lugar, cada momento, cada acidente, cada festa, etc., tudo se passou ali, mas a maioria de forma invisível. Esse é um tipo de qualidade que a fotografia em poucos exemplos possui. Pense na fotografia erótica e em suas partes obscuras. São a parte mais importante porque algo se passa ali mas você não vê, só pode imaginar... Esse espaço da imaginação é muito importante. O que você vê atualmente no cinema é exatamente o oposto. As pessoas querem ver absolutamente tudo: como um corpo se parte, o sangue, as balas...

Essas imagens contam uma outra história da Potsdamer Platz. Dão a sensação do que é visível a longas exposições. Por 150 anos de fotografia todos estiveram pesquisando como diminuir mais e mais o tempo de exposição e na Potsdamer Platz o que se vê são exposições que duram dezenas de meses!